

Os outros no jornalismo: relato de uma experiência extensionista desde o interior de Mato Grosso

The others in journalism: an account of an extension experience from the interior of Mato Grosso

Los otros en el periodismo: relato de una experiencia de extensión desde el interior de Mato Grosso

Enviado em: 12/12/2023
Aceito em: 18/04/2024
DOI: 10.46952/rebej.v14i33.1193



Amanda Noletto

amandalaispnoletto@hotmail.com

Mestra em Comunicação Social pela Universidade Federal do Piauí

Felipe Collar Berni

felipecollar@gmail.com

Mestre em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa

Lilian Juliana Martins

lilian.juliana@gmail.com

Doutora em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista

RESUMO

Este texto apresenta-se como um memorial do curso de extensão “Os outros no jornalismo: como noticiar na perspectiva cidadã?”, realizado junto ao curso de Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat) e ofertado durante o primeiro semestre de 2023. Compreendendo a necessidade de discussões sobre a *práxis* jornalística decolonial e emancipatória, o curso realizou cinco encontros, em formato híbrido e presencial, com convidadas e convidados que se propuseram a dialogar sobre perspectivas de gênero, práticas antirracistas e jornalismo indígena para jornalistas não indígenas. A participação ativa de mais de 110 pessoas da comunidade interna e externa à Unemat mostrou a necessidade de (re)pensar a prática jornalística no meio norte mato-grossense e no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo. Projeto de extensão. Decolonialidade. Mato Grosso.

ABSTRACT

This text presents itself as a memorial of the extension course "The others in journalism: how to report from a citizen perspective?", held in conjunction with the Journalism course at the State University of Mato Grosso (Unemat) and offered during the first semester of 2023. Understanding the need for discussions on decolonial and emancipatory journalistic *praxis*, the course held five meetings, in a hybrid and face-to-face format, with guests who proposed to discuss gender perspectives, anti-racist practices, and indigenous journalism for non-indigenous journalists. The active participation of more than 110 people from the internal and external community of Unemat showed the need to (re)think journalistic practice in the state of Mato Grosso and in Brazil.

KEYWORDS

Journalism. Extension project. Decoloniality. Mato Grosso.

RESUMEN

Este texto se presenta como un memorial del curso de extensión "Los otros en el periodismo: ¿cómo informar desde la perspectiva ciudadana?", realizado en conjunto con el curso de Periodismo de la Universidad del Estado de Mato Grosso (Unemat) y ofrecido durante el primer semestre de 2023. Comprendiendo la necesidad de discutir sobre la *praxis* periodística decolonial y emancipatoria, el curso llevó a cabo cinco encuentros, en formato híbrido y presencial, con invitadas e invitados que se propusieron dialogar sobre perspectivas de género, prácticas antirracistas y periodismo indígena para periodistas no indígenas. La participación activa de más de 110 personas de la comunidad interna y externa a Unemat mostró la necesidad de (re)pensar la práctica periodística en el estado de Mato Grosso y en Brasil.

PALABRAS CLAVE

Periodismo. Proyecto de extensión. Decolonialidad. Mato Grosso.

1 INTRODUÇÃO

Como os/as estudantes do curso de Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat) percebem a cobertura jornalística sobre os casos de violência de gênero no Mato Grosso? Em que medida as pautas da cobertura local apontam para perspectivas temáticas antirracistas? Será que a população indígena de Tangará da Serra (MT) é contemplada pela mídia local quanto às suas múltiplas identidades?

Essas e outras perguntas nos inquietam desde nossa entrada na Unemat, em setembro de 2021, como professores(as) substitutos(as). Vindos de distintos estados – Piauí, Paraná e São Paulo –, a compreensão sobre a organização midiática de Mato Grosso aconteceu – e segue acontecendo – a partir de um diálogo constante com a comunidade discente, muitos deles profissionais atuantes nas emissoras e redações locais.

Por meio dessa troca, realizada dentro e, também, fora da universidade, percebemos uma vontade coletiva de dialogar sobre temas que nos atravessam como jornalistas, professoras, professor, pesquisadoras, pesquisador, estudantes de jornalismo, militantes, feministas, LGBTQIAPN+, antirracistas e atentos à causa indígena.

Tendo como horizonte uma *práxis* jornalística emancipatória e decolonial (Santos, 2015; Rivera Cusicanqui, 2018; Oliveira, 2020; Veiga da Silva; Moraes, 2020; Torrico Villanueva, 2023) surgiu o curso de extensão “*Os outros no jornalismo: como noticiar na perspectiva cidadã?*”. Entre abril e junho de 2023, cinco encontros foram realizados para pensar o sentido desse “outro (a/e)” na prática jornalística: “Abertura do curso e introdução do debate decolonial”, “Jornalismo com perspectiva de gênero”, “Práticas para uma mídia antirracista”, “Jornalismo indígena para jornalistas não indígenas” e, por último, “Repensando os afetos: uma experiência do pensar fora de aula”.

No texto¹ que apresentamos a seguir – escrito a seis mãos – detalhamos essa experiência com vistas a contribuir para um diálogo em busca da *práxis* jornalística que se pretende decolonial, emancipatória e cidadã.

2 O CURSO E OS MÚLTIPLOS ATRAVESSAMENTOS PARA SUA CONSTRUÇÃO

As ações de extensão, historicamente, se incubem de ampliar e transcender o espaço físico da sala de aula para a construção de outras experiências formativas, não só para as/os estudantes inseridos no ambiente universitário, como para toda uma comunidade que se afeta pelas provocações que o movimento encampa. “*Os outros no jornalismo: como noticiar na perspectiva cidadã?*” foi uma oferta do Bacharelado em Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), do campus de Tangará da Serra, durante o semestre 2023/1. Sua gênese se deu na processualidade das discussões da disciplina *Comunicação, Educação e Cidadania*, quando se notou a necessidade de construir outros espaços para dar conta das diferentes e urgentes reflexões que a temática demanda, bem como oportunizar a participação de um maior quantitativo de estudantes, professores(as), técnicos(as) e profissionais

¹ Este relato trata de uma versão atualizada, refletida e expandida do artigo apresentado ao 21º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, evento organizado pela Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB) em novembro de 2023.

Os outros no jornalismo: relato de uma experiência extensionista desde o interior de Mato Grosso

interessados na introdução de uma perspectiva decolonial e emancipatória para a práxis jornalística.

Fundado em 2006, o curso de Jornalismo da Unemat caminha para duas décadas de atividade, assumindo pioneirismo na formação de profissionais desde e para o interior do estado.² Primeiro sediado na cidade de Alto Araguaia, iniciou sua trajetória em Tangará da Serra em 2017.

Localizada no meio-norte de Mato Grosso, com 54 anos de fundação, Tangará da Serra é a sexta maior cidade em número de habitantes do estado, com o total de 106.434 pessoas, segundo aferiu a última operação censitária realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2022.³ Possui 23 veículos de informação em atividade, de acordo com apuração da sexta edição do Atlas da Notícia (2023): quatro jornais impressos, três sites noticiosos, seis rádios e 10 emissoras de televisão. Apesar da quantidade de experiência de mídia na cidade, nota-se (embora faltem dados que precisem a compreensão) uma necessária, lenta e gradual profissionalização da imprensa no município. Seus mais de 11.636,825 km² comportam quatro territórios indígenas demarcados.⁴ O Censo Indígena do IBGE de 2022 mostra que Tangará da Serra tem 1785 habitantes indígenas.⁵ O município também abrange, em parte, o Assentamento Antônio Conselheiro – que é o maior da América Latina – contendo uma extensão territorial de 33.000 ha, com 1.104 famílias assentadas, inúmeras cachoeiras e atrativos naturais na zona rural e, ainda, vastas propriedades rurais de exploração da agropecuária. Este último, grande marcador da cultura e de influências políticas e econômicas na cidade.

A apresentação do contexto do local torna-se importante para a compreensão dos desafios que levaram ao experimento do curso. Este, por sua vez, se expressou como espaço formativo e de qualificação visando uma *práxis* jornalística emancipatória e decolonial. Foi uma resposta às demandas e reivindicações manifestada por grupos sociais minoritários em prol de suas identidades, dignidade e direitos, também à observância dos conteúdos, enquadramentos e valores-notícias mobilizados pelo jornalismo local. Uma aposta para romper com o jornalismo colonizado que perdura e estrutura a experiência de mídia hegemônica no Brasil desde o século 19. Para isso, investimos no exercício da subjetividade e alteridade (Moraes, 2022), em contraposição a uma *práxis* performática de uma pseudoneutralidade que valida discursos hegemônicos e violenta todo o(a/e) outro(a/e): mulher, pessoas pretas, indígenas, quilombolas, pessoas com deficiência e neurodivergentes, migrantes e refugiados, pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais, travestis, intersexo e não binárias, pessoas em situação de rua, periféricos e favelados etc. Miramos um outro jornalismo, comungando com o pensamento de Fabiana Moraes (2022, p. 18), quando sinaliza uma *práxis* que corrobora para “(re)construir cidadanias precarizadas, representações miúdas, violências consentidas”.

As reflexões particulares desde os encontros que construíram o curso “*Os outros no jornalismo*” alicerçaram-se de maneira teórica e epistêmica numa pluralidade e interdisciplinaridade do conhecimento, oriundas de instâncias diversas de formulação,

² Em 2009, a Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), para além da oferta que já realizava na capital, deu início ao curso de Bacharelado em Comunicação Social – Jornalismo no Campus Universitário do Araguaia, em Barra do Garças. Outras experiências interioranas de formação de jornalistas podem ser observadas através de turmas especiais. Em sua trajetória, a Unemat já ofertou cursos em Alta Floresta e Rondonópolis.

³ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/tangara-da-serra/panorama>. Acesso em 14 ago. 2023.

⁴ Segundo o Instituto Socioambiental, realizador da maior base de dados sobre Terras Indígenas no Brasil. Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/>. Acesso em 15 ago. 2023.

⁵ Disponível em: <https://encurtador.com.br/fgjD2>. Acesso em 21 ago. 2023.

Os outros no jornalismo: relato de uma experiência extensionista desde o interior de Mato Grosso

experimentação e respaldo. A academia contribui, os saberes populares colaboraram, as vivências e afetações como parte do coletivo, enquanto sujeitos(as) no mundo, se fizeram valer, os movimentos sociais participaram para uma grande mistura do *sentir-pensar* que projetou melhores encontros com as alteridades, opondo-se a toda forma de “outrofobia” e desumanização do outro, “mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna” (Adichie, 2019, p. 11).

Desde o primeiro encontro — intitulado “Abertura do curso e introdução do debate decolonial” e conduzido pelos professores organizadores de forma híbrida (presencial e remota) — houve autorias com suas contribuições que acompanharam de maneira transversal o curso e que não necessariamente assumem o jornalismo como elemento central de seu interesse, mas para nós, essa interlocução se mostrou potente. A própria Chimamanda Ngozi Adichie — uma das pensadoras mobilizadas naquele encontro — com a compreensão de que nossas experiências são alicerçadas, influenciadas e impulsionadas por narrativas, visualizando a história (e por que não a comunicação e o jornalismo) como modo de expansão e reafirmação de valores e identidades. O perigo de uma história única é que ela não abraça todas as experiências e complexidades das múltiplas verdades, vivências e compreensões. Histórias únicas criam estereótipos, que por sua vez são incompletos e roubam a dignidade das pessoas, tornando difícil o reconhecimento da nossa humanidade:

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada (Adichie, 2019, p. 32).

FIGURA 1: REGISTRO DO 1º ENCONTRO DO CURSO, REALIZADO NO INSTITUTO FEDERAL DE MATO GROSSO – CAMPUS AVANÇADO DE TANGARÁ DA SERRA (PARCEIRO NO PROJETO) E COM TRANSMISSÃO REMOTA



FONTE: ARQUIVO FOTOGRÁFICO DO CURSO DE JORNALISMO DA UNEMAT.

O jornalismo é um instrumento para a reverberação de tantas outras histórias. Para retomar seu papel, propomos um diálogo/costura com Luiz Rufino (2021) a partir da desaprendizagem como rechaço ao colonialismo e seus desdobramentos. A perspectiva hegemônica que delinea de maneira majoritária a experiência jornalística do Brasil precisa ser desaprendida. “Desaprender é um ato político e poético diante daquilo que se veste como único saber possível ou como saber maior em relação a outros saberes” (Rufino, 2021, p. 19).

Os outros no jornalismo: relato de uma experiência extensionista desde o interior de Mato Grosso

Desaprender uma *práxis* jornalística que se alicerça na objetividade branca, classista, misógina, capacitista, higienista, xenófoba etc. e que assume a neutralidade como projeto de perpetuação das relações de poder consolidadas *para aprender* um exercício que projete uma objetividade decolonial, racionalizada, emancipatória, ética, situada e compromissada com o(a/e) Outro(a/e).

Como dimensão metodológica e episteme, diversas posturas foram utilizadas visando construir um ambiente livre e potente para a “desaprendizagem”: a interseção entre raça, gênero e territorialidade foi mobilizada para agrupar pesquisadoras(es), jornalistas e ativistas que compartilharam suas experiências para juntas(as/os) mirarmos um outro jornalismo. Cinco das seis convidadas eram mulheres, quatro eram negras. Recebemos dois pensadores indígenas, dos povos Tupinambá e Kariri. Se explorou as periferias geográficas do conhecimento — duas convidadas nordestinas, duas do Centro-Oeste, um da Região Norte — contrapondo-se a uma sentida exploração da fala sulista e sudestina pelo campo da Comunicação.

Com esse perfil, buscou-se exercitar práticas jornalísticas outras àquelas hegemonicamente articuladas para representar grupos sociais minoritários (em suas peças); estimular uma formação crítica e decolonial junto aos/às estudantes; apresentar perspectivas cidadãs e emancipatórias para serem inseridas nas rotinas produtivas no trato com pautas que se inter-relacionam com o(a/e) Outro(a/e); discutir o papel e o compromisso do Jornalismo na construção de uma cidadania comunicativa. Para, assim, formar e qualificar jornalistas comprometidos/as com o exercício ético, emancipatório e decolonial da profissão; contribuir para a recuperação de valores deontológicos que assentam o exercício jornalístico; além de introduzir o debate decolonial no curso de Jornalismo da Unemat.

Ao todo, mais de 110 pessoas participaram das atividades, de maneira híbrida: estudantes e profissionais de Tangará da Serra, a comunidade discente do curso Jornalismo de oferta especial em Rondonópolis (MT) e estudantes, jornalistas e pesquisadores espalhados pelo Brasil ousaram pensar novas experiências. As ações refletidas serão mobilizadas e compartilhadas no próximo tópico.

3 JORNALISMO COM PERSPECTIVA DE GÊNERO - SEGUNDO ENCONTRO

“Na avenida, deixei lá.
A pele preta e a minha voz
Na avenida, deixei lá
A minha fala, minha opinião
A minha casa, minha solidão
Joguei do alto do terceiro andar
Quebrei a cara e me livreí do resto dessa vida
Na avenida dura até o fim
Mulher do fim do mundo
Eu sou e vou até o fim cantar”
(*Elza Soares - Mulher do fim do mundo*).

O segundo viés trabalhado no curso foi a perspectiva de gênero. O objetivo foi oportunizar um debate teórico; mas também prático por meio da análise de dados e reportagens, sobre como se dá a representação da mulher na mídia e como é possível alcançar um jornalismo que, não apenas (re)pense sua própria atuação, como considere reconhecer a contribuição para uma constante revitimação da mulher a partir das pautas, fontes e matérias que veicula para a sociedade; reforçamos ser possível romper com tais padrões através, por exemplo, de ações como a pensada neste projeto de extensão.

Os outros no jornalismo: relato de uma experiência extensionista desde o interior de Mato Grosso

As convidadas para este dia, 6 de maio de 2023, foram Nealla Machado, professora da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e coordenadora do Observatório de Comunicação e Desigualdades de Gênero (Pauta Gênero/UFMT); e Daniela Valenga, jornalista e repórter do Portal Catarinas. A mediação do encontro foi realizada por Nathali Luize Malaco, estudante do curso de Jornalismo da Unemat. Importante dizer que a escolha das convidadas não foi imparcial, muito pelo contrário. Partiu-se principalmente do fato de que ambas têm construído um caminho potente de debates; e experiências, por meio das atividades que realizam e, também, do lugar que ocupam – Universidade e veículo jornalístico de notícias.

O *Pauta Gênero* é um projeto que se propõe a ser uma ferramenta de observação crítica dos meios e processos comunicacionais para reflexão sobre as desigualdades de gênero da sociedade.⁶ Por meio de práticas emancipatórias, questiona e aperfeiçoa as possibilidades de processos comunicacionais menos excludentes, ampliando, dessa forma, perspectivas educacionais que refletem o papel social da comunicação. O *Portal Catarinas*, por sua vez, é um veículo independente que desenvolve jornalismo de causa com atuação feminista e antirracista no âmbito da afirmação dos Direitos Humanos e Fundamentais. Fundado em 2016 e com sede em Florianópolis (SC), o portal busca de forma muito contundente reportar e interpretar “fatos de maneira crítica, por meio da lente do feminismo interseccional que reconhece o entrecruzamento das camadas de opressão que estruturam as dinâmicas de poder na sociedade: raça, classe social, gênero, sexualidade e etnia”.⁷

FIGURA 2: REGISTRO DO 2º ENCONTRO DO CURSO, REALIZADO NO IFMT E COM TRANSMISSÃO REMOTA.



FONTE: ARQUIVO FOTOGRÁFICO DO CURSO DE JORNALISMO DA UNEMAT.

A partir dessa contextualização, ficam, então, as questões: por que refletir sobre jornalismo na perspectiva de gênero? E por que fazê-lo desde o Mato Grosso? Ela Wiecko, procuradora e professora da Universidade de Brasília (UnB), diz: “A mídia hoje é considerada e estudada como uma das agências informais do sistema de justiça, porque condena, absolve, orienta a investigação e até investiga. Então a responsabilidade da mídia é muito grande” (**‘Dossiê Femicídio’, do Instituto Patrícia Galvão**). A partir disso, tem-se um referencial sobre o papel estratégico da imprensa na formação da opinião pública, bem como seu lugar no debate sobre violência de gênero e feminicídio e na luta por políticas públicas para mulheres.

⁶ Disponível em: <https://pautagenero.wordpress.com/>. Acesso em 3 nov. 2023.

⁷ Disponível em: <https://catarinas.info/linha-editorial/>. Acesso em 21 ago. 2023.

Os outros no jornalismo: relato de uma experiência extensionista desde o interior de Mato Grosso

Qual é o papel da imprensa na cobertura de casos de feminicídio? O principal é informar sobre o crime. Mas isso não basta. É preciso informar com atenção a parâmetros éticos e com responsabilidade social sobre o que está por trás dessa morte, o contexto de violência em que ocorreu e que invariavelmente envolve desrespeito à condição da mulher e frequentemente foi sendo construído em torno de uma relação afetiva que se encerra em um crime hediondo, previsto na Lei nº 13.104/2015, a Lei do Feminicídio (**Dossiê Feminicídio**).⁸

Ao observarmos os dados que tratam sobre feminicídio e violência contra as mulheres, no Brasil, a situação torna-se ainda mais preocupante. Segundo o *Atlas da Violência de 2020*, em 2018, 4519 mulheres foram assassinadas, sendo que 68% foram mulheres negras.⁹ É também fundamental fazer uma análise a partir do recorte racial, uma vez que as mulheres negras se encontram em maior vulnerabilidade social. Inclusive, também destacamos que Nealla Machado é mulher negra e trouxe questões e experiências sobre ‘quem tem voz na mídia’ e como esse lugar – quase nunca – é ocupado por pessoas negras. No debate, propôs uma reflexão aos estudantes sobre quem são as fontes consultadas em matérias/reportagens sobre economia, por exemplo; quase nunca é uma pessoa negra, quer dizer, as fontes caminham sempre para a legitimação de estereótipos: homem, branco, cisgênero etc., e talvez esteja aí – segundo ela – a ‘chave’ para atuação das novas/novos jornalistas – em referência direta ao grupo presente no evento.

Ainda falando de dados cumpre contextualizar o Mato Grosso nesse debate. Segundo o relatório do monitoramento dos crimes de feminicídio e homicídio de mulheres e meninas, produzido pela Diretoria de Inteligência da Polícia Civil (PCMT)¹⁰, de janeiro a junho de 2023, foram registradas 43 mortes de mulheres no estado, sendo 18 por crime de feminicídio. Os municípios com registros são a capital, Cuiabá; Cáceres; Sorriso; Sinop; Mirassol D’Oeste e Peixoto de Azevedo, com uma média de sete mulheres mortas por mês, no 1º semestre daquele ano. Entre as principais motivações para os casos de feminicídio estão razões puramente de gênero, como a violência doméstica sexista/sexual. Além disso, é de conhecimento que, em 89% dos casos, a relação de vínculo é afetiva, sendo o crime cometido pelo companheiro, namorado ou ex. Os números demonstram, ainda, que 15 das vítimas eram mães e que seis foram mortas na frente dos filhos.

Dentro desse debate, Daniela Valenga discutiu o lugar ocupado pela/o jornalista como um espaço de resistência. Para ela, é preciso sair do automático e construir textos que abracem a multidimensionalidade dos sujeitos. Nealla completou a fala reforçando que pautas assentadas em fenômenos sociais que não são questionadas – como o número alarmante de feminicídios no país, por exemplo – favorecem um jornalismo que, no mínimo, torna-se conivente com narrativas que vão de encontro com a perspectiva de gênero.

4 PRÁTICAS PARA UMA MÍDIA ANTIRRACISTA - TERCEIRO ENCONTRO

⁸ Disponível em:

<https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/femicidio/capitulos/qual-o-papel-da-imprensa/>. Acesso em 21 de ago. de 2023.

⁹ Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/24/atlas-da-violencia-2020>. Acesso em 21 de ago. de 2023.

¹⁰ Disponível em:

<https://www.pjc.mt.gov.br/documents/18244709/21752621/APRESENTA%C3%87%C3%83O+-+MORTES+MULHERES++1+SEM2023+-+FINAL.pdf/368f2dbd-ee20-2fa4-3062-fa38ba536bc3?t=1691077790258>. Acesso em 21 de ago. de 2023.

Os outros no jornalismo: relato de uma experiência extensionista desde o interior de Mato Grosso

“Versos para cruz, Conceição no altar
Canindé, Jesus, oh, Clara!
Nossa gente preta tem feitiço na palavra
Sou o Brasil que não se cala”

(GRES Beija-Flor de Nilópolis - *Empretercer o Pensamento É Ouvir a Voz da Beija-Flor*)

No dia 20 de maio, ainda que de forma remota, os inscritos no curso participaram com entusiasmo do terceiro encontro do curso. Com o tema “Práticas para uma mídia antirracista”, a programação do dia contou com Andreia Marreiro, professora da Universidade Estadual do Piauí (UESPI) e coordenadora do Instituto Esperança Garcia, e Kelly Quirino, doutora em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB) e conselheira do Banco do Brasil eleita pelos funcionários.

FIGURA 3: POST NO PERFIL DO CURSO DE JORNALISMO DA UNEMAT NO INSTAGRAM SOBRE O 3º ENCONTRO “PRÁTICAS PARA UMA MÍDIA ANTIRRACISTA”.¹¹



FONTE: ARQUIVO FOTOGRÁFICO DO CURSO DE JORNALISMO DA UNEMAT.

Kelly foi a primeira a falar. A pergunta da professora veio logo após as boas-vindas feitas por nós e por Taís Rodrigues, estudante-mediadora do encontro. “Para começar, eu queria perguntar quem aqui já foi perseguido por seguranças em algum supermercado, numa loja, no shopping?”.

Uma estudante negra pediu a fala. “Eu já. Uma vez, um guarda de um supermercado me seguiu e me abordou perguntando se eu tinha algo escondido no bolso”. Outros depoimentos vieram na sequência. Foi a partir deles que Kelly iniciou uma reflexão sobre a gênese do racismo estrutural no país. A partir dessa concepção, o racismo – para além das ações racistas de indivíduos que agem por motivações pessoais – é entendido como algo incrustado na cultura e nas instituições (Almeida, 2019).

Nesse sentido, foi apresentada a falta de participação de pessoas negras nas redações jornalísticas. Enquanto o número de pessoas pretas e pardas chega a 56,1% no Brasil (IBGE, 2022), nas redações brasileiras, apenas 29,9% se autodeclararam negros (pretos ou pardos). Os dados são do Relatório do Perfil do Jornalista Brasileiro (Lima, 2022).

Em algumas redações do país, a ausência de pessoas negras é ainda mais evidente. O caso do jornal Estadão é emblemático. Segundo dados publicados pelo Grupo de Estudos

¹¹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Csl7iSIpQgM/> Acesso em 21 ago. 2023.

Os outros no jornalismo: relato de uma experiência extensionista desde o interior de Mato Grosso

Multidisciplinares da Ação Afirmativa (Gemee, 2023)¹², das 406 pessoas que trabalham no jornal, apenas 5% são pardas, 1% é negra e 1% amarela (pessoa que se declara de origem ou ascendência leste-asiática, como, por exemplo, japonesa, chinesa, e/ou coreana). É o mais sintomático: todas as pessoas que trabalham na redação do jornal são brancas, a maioria composta por homens (52% homens, 48% mulheres).

Há um problema de representatividade explícito. Ainda assim, a discussão sobre o racismo não se limitou à representatividade. A fala de Andreia Marreiro percorreu esse caminho. Retomando Silvio Almeida (2019), Andreia lembrou que a presença de pessoas negras nas instituições não significa, necessariamente, que tais instituições vão deixar de atuar de forma racista. Evidentemente, ter pessoas negras em espaços de poder e decisão são fundamentais para a luta antirracista, mas é imperativo na discussão sobre o racismo estrutural refletir — e agir — sobre as mudanças profundas nas relações sociais, políticas, econômicas que sustentam a prática sistêmica de condutas racistas.

Andreia mencionou o “pacto da branquitude”, conceito trabalhado por Cida Bento em seu livro homônimo (2022). A autora explica: “Não temos um problema negro no Brasil, temos um problema nas relações entre negros e brancos. É a supremacia branca incrustada na branquitude, uma relação de dominação de um grupo sobre outro” (Bento, 2020, p. 15).

Para Cida Bento, se quisermos avançar para um outro tipo de sociedade é preciso reconhecer e debater as relações de dominação e privilégios de um grupo em detrimento das péssimas condições de trabalho, de vida, ou até a morte, de outro. Reconhecer o pacto de nossa branquitude. Essa foi a chamada incômoda feita por Andreia, mas fundamental para práticas efetivas para uma mídia antirracista.

Observamos uma efetiva participação das alunas e alunos no debate, compartilhando experiências e elucidando os conceitos apresentados pelas convidadas.

5 JORNALISMO INDÍGENA PARA JORNALISTAS NÃO-INDÍGENAS - QUARTO ENCONTRO

“A floresta está viva.
Só vai morrer se os brancos insistirem em destruí-la.
Se conseguirem, os rios vão desaparecer debaixo da terra, o chão vai se desfazer, as árvores vão murchar e as pedras vão rachar no calor.
A terra ressecada ficará vazia e silenciosa.
Os espíritos xapiri, que descem das montanhas para brincar na floresta em seus espelhos, fugirão para muito longe.
Seus pais, os xamãs, não poderão mais chamá-los e fazê-los dançar para nos proteger.
Não serão capazes de espantar as fumaças de epidemia que nos devoram.
Não conseguirão mais conter os seres maléficos, que transformarão a floresta num caos.
Então morreremos, um atrás do outro, tanto os brancos quanto nós.
Todos os xamãs vão acabar morrendo.
Quando não houver mais nenhum deles vivo para sustentar o céu, ele vai desabar.”
(Davi Kopenawa Yanomami – *A queda do céu*)

Movidos pela necessidade urgente de discutir a questão indígena no jornalismo, principalmente sob o viés da escuta atenta dos saberes, o encontro do dia 3 de maio contou com

¹² Disponível em: <https://encurtador.com.br/ryJOP>. Acesso em 21 ago. 2023.

Os outros no jornalismo: relato de uma experiência extensionista desde o interior de Mato Grosso

a presença de Raquel Kariri e Angelo Tupinambá. Mais uma vez, cumpre destacar que a escolha dos convidados não foi aleatória; os dois pertencem a povos indígenas.

Tereza Raquel é pertencente ao povo Kariri da Chapada do Araripe (PE). É educadora e gestora da Escola Livre de Ancestralidades Kariri, além disso é ativista de Direitos Humanos, colunista do portal Afoitas, graduada em Comunicação Social, mestra em Literatura e Interculturalidade e doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Ao ser convidada, nos pediu duas coisas: a primeira, gostaria que o sobrenome usado fosse o de seu povo – Kariri – e, ainda, que ela fosse apresentada como “roedora de pequi e pesquisadora nos temas de justiça epistêmica, diálogo multiespécie, saberes e ontologias do Semiárido brasileiro”. Angelo Tupinambá, por sua vez, é cientista social formado pela Universidade Federal do Pará (UFPA), midiativista fundador do Instituto Idade Mídia Comunicação para Cidadania e morador de Belém do Pará. Além disso, é diretor nacional de Comunicação Social da Associação Cultural dos Povos da Amazônia e membro da Rede Nacional de Proteção aos Jornalistas Comunicadores Populares.

FIGURA 4: POST NO PERFIL DO CURSO DE JORNALISMO DA UNEMAT NO INSTAGRAM SOBRE O 4º ENCONTRO “JORNALISMO INDÍGENA PARA JORNALISTAS NÃO-INDÍGENAS”¹³



FONTE: ARQUIVO FOTOGRÁFICO DO CURSO DE JORNALISMO DA UNEMAT.

Ao iniciar o debate, Raquel propôs pensar o que ela nomeou de colonialidade do poder, saber, ser; onde, segundo ela, se observa uma reprodução dos padrões com o apagamento da produção do saber de outros povos. Assim, o jornalismo hegemônico segue favorecendo e, principalmente, reproduzindo imagens e discursos verdadeiramente coloniais que “erotizam, romantizam ou são pejorativos”; razão pela qual torna-se inadiável pensar; e construir, um jornalismo pronto e habilitado para cobrir temas indígenas. Pensando e propondo isso, Raquel Kariri apresentou aos participantes o “Minimanual – Como cobrir temas indígenas: recomendações de jornalistas indígenas a jornalistas não indígenas”. Aliás, vale ressaltar que Raquel contribuiu com a criação deste material, pois a organização, pelo Núcleo de Ecojornalistas do Rio Grande do Sul (NEJ-RS) e Fundação Luterana de Diaconia (FLD), se deu com base nas palestras de Ingrid Sateré Mawé, Raquel Paris – Raquel Kariri, Tarisson Nawa e Yago Kaingang, no curso ‘Jornalismo indígena para jornalistas não indígenas’.

Diante de tantas urgências, **os profissionais da imprensa devem compreender os modos de vida dos povos indígenas**. Para além de garantirem a própria sobrevivência,

¹³ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CtCSxs6OkkY/?img_index=1. Acesso em 21 ago. 2023.

Os outros no jornalismo: relato de uma experiência extensionista desde o interior de Mato Grosso

os saberes e as práticas ancestrais baseados na conexão com a natureza, na agroecologia e nas tecnologias sociais indígenas podem colaborar para amenizar os efeitos das mudanças climáticas e orientar a transição para um modelo de sociedade visando à justiça social e ambiental (Fante; Gallas, 2022, p. 5, grifo nosso).

Com base no manual, e, após apresentar alguns exemplos de matérias/reportagens produzidas pela mídia nacional, Raquel Kariri mencionou algumas recomendações que podem ser adotadas pelos jornalistas não-indígenas; além de destacar a necessidade urgente de os meios de comunicação investirem na contratação de profissionais indígenas nas equipes jornalísticas, “para que de fato haja diversidade no fazer jornalístico e para que as perspectivas dos povos originários sejam contempladas em todas as mídias” (Fante; Gallas, 2022, p. 10). Entre as recomendações estão: a) Estudar as especificidades dos povos antes de ir a campo; b) Dialogar diretamente com as lideranças e organizações; c) Pedir permissão antes de realizar quaisquer registros; e d) Garantir a tradução correta de falas para o português.

Em seguida, Angelo Tupinambá narrou a história de seu povo desde as Ilhas de Abaritetupa. A partir dos saberes de seu povo, contou dos primeiros extermínios dos Tupinambá e do reerguimento desse povo, em 2018. Ao contar de sua trajetória, apresentou o Instituto Idade Mídia – Comunicação para Cidadania, fundado em 2006. A associação, segundo ele, é de direito privado, sociocultural, educacional e sem fins econômicos; uma organização civil independente com autonomia administrativa e financeira e com 17 anos de lutas pelo direito humano à comunicação e democratização dos meios de informação. Por trabalhar no instituto também com educomunicação, Angelo dialogou com os participantes a respeito da comunicação como um direito humano na construção dos valores da cidadania e de valorização cultural, em especial dos Povos Amazônicos. “O Instituto Idade Mídia – Comunicação para Cidadania está presente nas ruas e redes, através do site IdadeMídia.Org, Canal de Vídeo IMTV, Bike Som Maria Lira FM 90.1Mhz e Rádio Web Ribeirinha Murukutu – Rio Guamá”.¹⁴

Contar com a presença de Raquel Kariri e de Angelo Tupinambá permitiu, entre outras questões, que os presentes pudessem, principalmente, exercitar a escuta dos saberes dos povos indígenas a fim de pensar; e construir, novas práticas jornalísticas que vão de encontro aos silenciamentos e invisibilidades tão característicos dos meios de comunicação tradicional. *“Raquel Kariri, pertencente ao povo Kariri e educadora da Escola de Ancestralidades Cariri, juntamente com Ângelo Tupinambá, cientista social, trouxeram uma perspectiva única sobre o jornalismo hegemônico e sua relação com os povos indígenas. Durante a palestra expuseram de forma clara e impactante como o jornalismo hegemônico muitas vezes reproduz imagens estereotipadas e discursos coloniais em relação aos povos indígenas. Foi revelador conhecer os estereótipos que os povos originários enfrentam na mídia e compreender como essas representações podem perpetuar preconceitos e marginalizações. Uma das partes mais valiosas desse encontro foi quando os palestrantes compartilharam dicas práticas de como evitar cair nos padrões do jornalismo hegemônico. Suas orientações forneceram caminhos essenciais sobre a importância de ampliar as fontes de informação, de estabelecer diálogos com as comunidades indígenas, de ouvir suas vozes e perspectivas, e de desconstruir os estereótipos enraizados. Esse encontro reforçou a necessidade de nos afastarmos dos estereótipos e preconceitos arraigados na mídia hegemônica, e nos motiva a adotar uma abordagem jornalística mais ética, inclusiva e comprometida com a valorização das vozes e perspectivas indígenas”* (Maria Eduarda, aluna do 2º semestre).

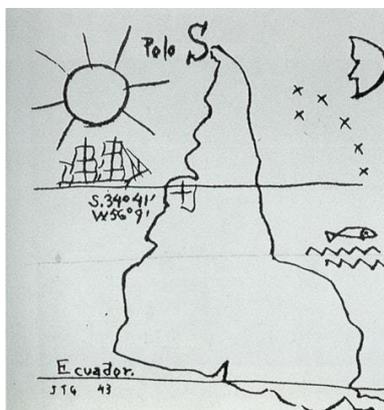
¹⁴ Disponível em: <https://idademidia.org/sobre-o-instituto-idade-midia/>. Acesso em 21 de ago. de 2023.

6 ENCERRAMENTO DO CURSO E DO RELATO

Ao refletir sobre esta experiência extensionista nos vem à memória o relato de uma aluna negra (5º período) que, na época do curso, trabalhava como repositora de produtos em um supermercado da cidade. No intervalo de um dos encontros no formato presencial do curso, ela nos disse: “Professores, acho que finalmente me reconheço como uma mulher negra”. Ela relatou que os encontros estavam a ajudando a entender o lugar dela no mundo e isso estava fortalecendo quem ela era. Só por esse relato, nosso curso já teria valido a pena, mas tantas outras falas e depoimentos cheios de potência se somam à fala dessa aluna.

Foi principalmente no intuito de compartilhar; e experienciar novas realidades, que chegaram a nós, sobre o curso nos corredores da universidade, que decidimos realizar o último encontro no bosque municipal da cidade. Com o nome “Repensando os afetos: uma experiência do pensar fora de aula”, o encontro teve como programação uma aula de yoga, conduzida também por nós, e a produção de *ecobags* feita pelos próprios participantes. Orientada por Fábio dos Santos, artista plástico e participante do curso, a pintura das *ecobags* teve como foco a reprodução do mapa invertido da América Latina, pintura feita pelo uruguaio Torres Garcia e que virou símbolo da decolonialidade. Vale destacar, inclusive, que as alunas e alunos pediam, ao longo dos encontros, por um elemento que representasse o evento e recordasse diariamente as experiências compartilhadas ali compartilhadas; razão que nos levou a pensar nas *ecobags* a partir da ideia de uma aluna do curso de jornalismo.

FIGURA 5: AMÉRICA INVERTIDA, DE AUTORIA DE JOAQUÍN TORRES GARCIA.



FONTE: DOMÍNIO PÚBLICO.

FIGURA 6: REGISTRO DO ÚLTIMO ENCONTRO REALIZADO NO PARQUE MUNICIPAL ILTO FERREIRA COUTINHO, EM TANGARÁ DA SERRA.

Os outros no jornalismo: relato de uma experiência extensionista desde o interior de Mato Grosso



FONTE: ARQUIVO FOTOGRÁFICO DO CURSO DE JORNALISMO DA UNEMAT.

Nos relatos compartilhados, especialmente no último encontro, ficou evidente que diferentes afetos, de fato, foram mobilizados pelos(as) participantes sobre os temas trabalhados. Como mediadores da experiência, a resposta sobre como noticiar na perspectiva cidadã parece estar neste caminho: na construção colaborativa de (re)conhecimento sobre nosso estar no mundo, de forma intrinsecamente coletiva.

REFERÊNCIAS

ADICHE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALMEIDA, Silvio de. **Racismo Estrutural. Feminismos Plurais**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ATLAS DA NOTÍCIA. Disponível em: <https://www.atlas.jor.br/dados/app/>. Acesso em: 15 ago. 2023.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

FANTE, Eliege; GALLAS, Débora. **Como cobrir temas indígenas** [livro eletrônico]: recomendações de jornalistas indígenas a jornalistas não indígenas / -- 1. ed. -- Porto Alegre, RS: Ed. dos Autores, 2022.

IBGE. Brasil tem 1,7 milhão de indígenas e mais da metade deles vive na Amazônia Legal. Disponível em: <https://encurtador.com.br/ryBC7>. Acesso em 21 ago. 2023

LIMA, Samuel (Coord). **Perfil do jornalista brasileiro 2021**: características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho. Florianópolis: Quorum Comunicações, 2022. Disponível em: <https://perfildojornalista.ufsc.br/>. Acesso em 21 ago. 2023.

MORAES, Fabiana. **A pauta é uma arma de combate**: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2022.

Os outros no jornalismo: relato de uma experiência extensionista desde o interior de Mato Grosso

OLIVEIRA, Dennis de. Paulo Freire e uma prática jornalística emancipatória - decolonial. **Olhares: Revista do Departamento de Educação da Unifesp**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 122–132, 2020.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. **Un mundo Ch'ixi Es Posible**: Ensayos Desde un Presente en Crisis. Buenos Aires: Tinta Limón, 2018.

RUFINO, Luiz. **Vence-demanda**: educação e descolonização. Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos, Modos e Significações**. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

TORRICO VILLANUEVA, Erick T. **Comunicación (re)humanizadora**: Ruta decolonial. Quito: Ediciones Ciespal, 2023.

VEIGA DA SILVA, Marcia; MORAES, Fabiana. **Onde está Ruanda no mapa? Decolonialidade, subjetividade e o racismo epistêmico do jornalismo**. In: Anais do 29º Encontro Anual da COMPÓS, Campo Grande, 2020.